

# SESSÕES DO PLENÁRIO

**13ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de abril de 2016.**

**PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO (AD HOC)**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial proposta por mim que lembra os 20 anos do Massacre de Eldorado dos Carajás, o Dia Mundial da Luta pela Reforma Agrária e Justiça no Campo e também os impactos do golpe de 1964 sobre a luta camponesa.

Convido para compor a Mesa o Sr. Jerônimo Rodrigues, Secretário de Desenvolvimento Rural da Bahia, neste ato representando o Sr. Governador Rui Costa; o Sr. Dirigente da Frente Nacional de Luta, o lutador do povo brasileiro José Rainha Júnior; o Sr. Superintendente Regional do Trabalho e Emprego na Bahia, Zé Maria Dutra; o Sr. Ouvidor Geral do Estado da Bahia, o ex-Deputado Estadual Yulo Oiticica; o Sr. Dirigente do CETA - Movimento de Trabalhadores, Assentados, Acampados e Quilombolas do Estado da Bahia, Edino Souza; o Sr. Dirigente do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, Edvagno Mato; a homenageada desta sessão e Srª Coordenadora do Grupo GeografAR, da Universidade Federal da Bahia, professora Guiomar Germani; o Sr. Representante da União da Resistência Camponesa, Antônio Carlos Ferreira; o Sr. Coordenador Nacional do Movimento dos Trabalhadores Independentes, Wedson Souza Santos; o Sr. Coordenador da Associação dos Advogados de Trabalhadores Rurais da Bahia, Carlos Eduardo Lemos Chaves; o Sr. Representante do INCRA - Bahia, Ciro Cedraz; o Sr. Representante da Frente Povo sem Medo, Fábio Nogueira; e o Sr. Representante da Consulta Popular, Mário Soares Neto.

Composta a Mesa, ouviremos neste momento o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Bom-dia.

Quero cumprimentar todos os militantes homens e mulheres do povo brasileiro aqui, especialmente aqueles que fazem a luta pela terra neste País, aqueles que fazem a luta pela moradia, aqueles que lutam pela democracia e afirmação de direitos do povo brasileiro.

Quero dar as boas-vindas a vocês em nome da Assembleia Legislativa do

Estado da Bahia, que mais uma vez abre as portas para discutir questões fundamentais como a questão agrária e a agrícola brasileiras, pauta ainda lá de trás, do movimento escravista não resolvido pelo povo brasileiro. Enfim, temos de admitir a competência e a capacidade de opressão e exploração da elite brasileira, que durante 500 e poucos anos soube se reproduzir à custas do sofrimento e da exploração do povo brasileiro.

E hoje, numa quadra histórica extremamente complexa, vejo aqui com suas experiências e seus cabelos brancos homens e mulheres que viveram a época de 1964 e sabem quem foram as maiores vítimas daquele momento quando naquela situação ali foi colocada na ordem do dia a bandeira da reforma agrária. E também no Comício dos 100 Mil, quando João Goulart anunciou a possibilidade de se fazer a reforma agrária neste País ao longo das estradas, aí se deu a reação mais violenta das elites.

Então, foi um golpe contra, principalmente, a reforma agrária e os trabalhadores rurais. Nós sabemos que naquele período entraram no Brasil, de todas as formas, mais 7 mil americanos que vieram para o nosso Nordeste. Eles serviam ao sistema de informação, à CIA, para fazer combate às forças democráticas. E naquele momento nós tínhamos tido logo, havia pouco tempo, a quente Revolução Cubana, quando o povo de Cuba se libertou. Então, os Estados Unidos passaram a organizar aqui, onde eles acham que é o seu quintal, golpes sucessivos em todos os países da América Latina.

Mas atualmente qual a situação que vivemos? Qual as coincidências da organização desses golpistas, as mesmas forças da hegemonia da organização desses golpistas?

As mesmas forças sobre a hegemonia da 'Rede Esgoto', a *Rede Globo*, que hegemoniza os interesses do capital internacional e os interesses dos financistas estão associados ao que há de pior no Congresso Nacional!

Quem, aqui, tem a ilusão de que Eduardo Cunha vai combater a corrupção ou vai, em primeiro momento, se este golpe ocorrer, acabar com a Operação Lava Jato?! Porque pega de cheio os corruptos!

Quem, aqui, tem dúvida de quem é Michel Temer?!

Quem tem dúvida do que é este partido?! Pois este, sempre, foi o maior partido do Brasil e nunca teve coragem de concorrer à presidência da República, porque fosse esse governo, independente da sua cor, eles estão lá vendendo os seus serviços e vendendo caro.

É bom que nós aqui, hoje, quando começa a se repetir e, aí, vivemos em um estado de exceção extremamente perigoso na nossa sociedade.

Mas, no Paraná, as primeiras vítimas são assassinatos de trabalhadores rurais. Mas, na Paraíba, é assassinada uma liderança vinculada a CPT, ou seja, vinculada aos trabalhadores rurais.

Então, companheiros e companheiras, não tenho dúvidas do momento da gravidade em que vivemos neste País, pois, muito além de derrubar o governo, eles

querem subtrair direitos do povo brasileiro!

O que está no Congresso Nacional? É a PEC nº 215 para acabar de exterminar a população indígena; é o fim da reforma agrária; é a criminalização dos movimentos rurais. Agora, volta-se a campo para criminalizar a reforma agrária sob a alegação de que há irregularidades.

E, aí, vejam o que o TCU fez e deu as bases para se constituir o *impeachment* da presidente Dilma.

Em todos os segmentos da economia e da política, há irregularidades, mas ninguém propôs acabar com as tais irregularidades.

Eles querem suspender o programa de reforma agrária alegando que há políticos que se apropriaram de lotes. Isso ocorre. Isso tem que ser apurado. Ninguém aqui é contra a corrupção! Mas sabemos também que muitos desses políticos – que se transformaram em vereadores ou em deputados estaduais e federais – são oriundos da luta e foram forjados da luta pela reforma agrária e, ali, foram assentados muito antes.

Eles querem criminalizar e suspender o programa da reforma agrária, suspender o programa de regularização dos quilombolas, acabar com a regularização e a devolução dos territórios indígenas.

Não podemos ter ilusão! Este golpe não interessa à classe trabalhadora. Este é um golpe constituído.

Vejam, uma coisa é pedalada fiscal. Se houve a pedalada por parte da presidenta, foi porque ela utilizou deste para pagar o Bolsa Família, para pagar o Minha Casa Minha Vida, para pagar direitos ao povo brasileiro! (Palmas)

Então, agora, se faz uma mistura criminosa pela corrupção, que é endêmica e sistêmica da elite brasileira com os capitalistas e com a burguesia brasileira, pois esses acumularam, ao longo da história, ao fazer corrupção e ao se apropriar do Estado de forma direta.

Vocês vejam a história da Bahia onde, por 40 anos, dominou, aqui, uma oligarquia que ficou milionária. Funcionários públicos, de uma hora para outra, se transformaram, no governo Fernando Henrique Cardoso, em professores de universidades e, de uma hora para outra, se transformaram em banqueiros.

Ninguém discute esta corrupção!

Mas e quanto aos programas que vão para o povo?

Hoje, a universidade mudou de cor. Hoje, são negros e negras, melhor, os filhos dos pobres que estão lá. (Palmas) É o ProUni. (Palmas) É o Minha Casa Minha Vida. (Palmas) É o Mais Médico. (Palmas) Tudo isso foi escrachado pela classe média conservadora. Os médicos, principalmente os companheiros cubanos, são os mais admirados pela sua competência, pela paciência, pela forma como atendem ao nosso povo que estão nos pontos mais distantes da cidade e da periferia.

Então, é esta conjuntura! Quanto a isso, nós não podemos nos iludir. Este é o

momento de afirmar os interesses do povo brasileiro!

Quem era o governador do Pará à época do acontecimento do Eldorado dos Carajás? Era o PSDB! Estão assassinando trabalhadores rurais no Paraná. E quem é o governador? O PSDB.

Não se iludam, porque eles querem justamente isso. A violência vem aí de forma muito mais intensa do que a que ocorreu em 1964.

Vamos fazer uma discussão profunda aqui, hoje, com os nossos companheiros e as nossas companheiras que estão nesta luta.

Nesta Mesa, há personagens fundamentais para nos ajudar na análise de conjuntura deste momento. Um deles é Zé Rainha Júnior que sofre na pele, pois há 13 processos investigativos com a condenação de 31 anos de cadeia. Por quê? Porque fez a luta do povo.

Onde estão Eduardo Cunha e os corruptos?

Dentre os que faziam parte da comissão dos 38 que votaram pelo *impeachment* da Dilma, 35 são investigados. Eduardo Cunha tem 23 processos de investigação por corrupção e lavagem de dinheiro. Só o Ministério Público da Suíça teve coragem de denunciar, porque, no Brasil, estão calados e estão utilizando este elemento para fazer o golpe.

Vamos fazer uma homenagem especial aqui, hoje, à professora Guiomar Germani (palmas), que na academia... Sabemos que a intelectualidade, os professores universitários, de certa forma, afastaram-se do partido dos Trabalhadores, dos governos e ficaram meio retraídos durante esse tempo.

Esta professora pode, até, ter as críticas dela ao governo e ao Partido dos Trabalhadores, mas ela teve a coragem de, na universidade, implantar o núcleo para estudar, para poder dar subsídio, para formar quadros e para contribuir com a formação e com a produção de conhecimento, a fim de que fossem utilizados na luta dos povos do campo: quilombolas, índios, atingidos por barragens e incluindo os sem terras. Então este público é estudado lá.

Esta professora merece a nossa homenagem. No entanto, ela não é baiana, mas se tornou uma baiana muito querida dos nossos companheiros e da luta pela terra. Vamos anunciar, hoje, aqui, professora, o encaminhamento que está tramitando nesta Casa para a concessão do Título de Cidadã Baiana para esta Assembleia Legislativa (palmas) reconhecer os verdadeiros intelectuais orgânicos da luta do povo brasileiro.

Não interessa só estudarmos, sermos bancados e financiados pelo dinheiro público, dinheiro da sociedade e não retribuir à sociedade!

Então, este é o papel que teve esta mulher. Parabéns, professora. Esperamos que a senhora possa reproduzir essa experiência em larga escala, porque agora a universidade e o movimento estudantil voltam com vigor.

E a casa da democracia e das liberdades acordou para o perigo que se constitui

usurpar e roubar direitos do povo brasileiro.

O nosso secretário Jerônimo Rodrigues está representando o nosso governador, que não pôde estar aqui, porque está em Ituberá. Neste momento, é muito importante que viajemos muito, que discutamos com as nossas bases, que façamos o debate público sobre o que representa esse golpe para o povo brasileiro.

Jerônimo Rodrigues hoje está aqui e vive uma experiência, claro que está no momento inicial, no momento de transição, que é uma reivindicação histórica dos povos do campo e das florestas, porque precisávamos ter um aparelho no Estado que desse um cuidado especial. Então, a Secretaria de Desenvolvimento Rural vem para isso. Esperamos que, ultrapassado esse momento de dificuldade, possamos ter essa secretaria funcionando como todos nós aqui sonhávamos.

Hoje, companheiros, é uma honra, é muito bom receber vocês nesta Casa para fazermos um debate fecundo, um debate que nos arme, que arme o povo brasileiro para essa grande luta: a luta pela liberdade e pela democracia. Não vai ter golpe! (Palmas)

(Todos os presentes no Plenário gritam: Não vai ter golpe!)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr<sup>a</sup> PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Devolvo a Presidência ao nosso deputado Marcelino Galo.

Dou bom-dia a todos e a todas.

Peço-lhes desculpas pelo atraso. Como estamos em movimento, estamos na batalha, articulando o nosso povo para os eventos, e faremos um grande movimento no sertão baiano, em Euclides da Cunha, sábado pela manhã. Eu estava envolvida nisso e acabei me atrasando, mas continuarei para o debate aqui.

Muito obrigada.

Deputado Marcelino Galo, parabéns! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço à nossa deputada Fátima Nunes pela condução dos trabalhos, uma mulher guerreira vinculada aos movimentos de luta pela terra. Há 2 dias, tivemos a honra de participar do seu aniversário. Então, são muitos anos de luta, que não precisamos dizer.

Parabéns, deputada Fátima Nunes!

Quero registrar a presença do deputado Joseildo Ramos, ex-prefeito de Alagoinhas, grande lutador.

Agora, vamos passar a palavra ao nosso convidado especial, para que ele também nos ajude nesse movimento, que é o companheiro José Rainha Júnior. (Palmas)

Registro a presença do deputado Carlos Ubaldino.

**O Sr. JOSÉ RAINHA JÚNIOR:-** Estimados companheiros e companheiras, bom-dia.

Cumprimento a Mesa na pessoa do nosso querido deputado Marcelino Galo.

Quero dizer que é uma honra estar aqui para conversar um pouco com vocês sobre esse dia, pois se passa 20 anos do massacre de Eldorado dos Carajás. O pessoal da imprensa estava perguntando o que nós temos para comemorar. Não tem nada para comemorar. Vinte anos depois, não se mudou nada, praticamente nada. Pelo contrário, continua-se matando sem-terra, matando índio, continua-se prendendo índio – Babau saiu há poucos dias... está em prisão domiciliar – e continua o mesmo processo de repressão.

Gostaria de conversar um pouco com vocês, mas, em primeira mão, saudar a companheirada que está nos movimentos sociais, principalmente na luta rural, na luta urbana. Vi uma diversidade de bandeiras, não vi a bandeira do Movimento dos Sem Terra. Certamente os companheiros não estão aqui.

Gostaria de passar na Bahia e falar do Movimento dos Sem Terra pelo apreço e carinho que tenho em particular por cada militante, cada companheiro do MST, pela história. Aqui entrei em 1985, no Extremo Sul da Bahia. Não tinha nada de Movimento dos Sem-Terra, não existia, ninguém tinha ouvido falar. Ali encontrei Betão, encontrei Nalvinha, Erailton e a Mara, que vi há pouco, no Plenário. Militantes, pessoas que se encontram na cidade sem saber o que fazer agora com o movimento, mas que foram tão fundamentais na história, para termos o Movimento dos Sem Terra na dimensão em que cresceu. Para mim foi a porta do Nordeste. Eu não conhecia bem o Nordeste. Tinha que vir, pousar na rodoviária, não conhecia muita gente, e daqui pegar o ônibus para trilhar pelo Nordeste. Fiz todos os Estados do Nordeste a partir de 85, 86, 87, 88, 89, e em 90 fui para São Paulo e morar no Maranhão. Preciso ser grato a isso.

Embora hoje esteja aqui a bandeira da FNL, Frente Nacional de Luta, a qual represento. Estamos voltando 20 e tantos anos depois, quase 30 anos para construir o movimento de luta pela terra, com viés na luta urbana, num outro entendimento no processo. Precisávamos dar um salto na luta pela terra, e avançar numa luta da reforma agrária.

Precisamos dar um salto maior. Se não dermos um salto maior no processo em que estamos, voltaremos 25 anos depois, mais velhos, se tivermos saúde até lá, falando as mesmas coisas. Certamente falando que continua o massacre, que o Estado se aprimorou muito mais no poder de repressão, o Estado brasileiro continuou mais rico, o povo continua mais pobre, muito mais sem terras, muito mais índios perdendo o pouco que tinham de reconhecimento. A gente avançou, mas avançou muito pouco.

Quero falar também das conquistas que tivemos, inegáveis no processo do governo democrático popular que nós conseguimos chegar em 2002. E nós achávamos que chegando no governo, conseguiríamos fazer uma grande transformação. Achamos que iríamos fazer uma grande mudança. É inegável, seria

ignorância da história negarmos as conquistas que tivemos. Nunca avançamos num programa social no sentido de atender os trabalhadores, os pobres, os negros, os estudantes, como foi no governo Lula. Isso é inegável. Mas era só isso que queríamos? Era só isso que precisávamos? Mas se tivemos grandes avanços nesse processo, é preciso refletirmos, dentro desse processo todo, que essa aliança, esse acerto não iria muito longe. Eu falei isso ontem, estou falando nos debates que estou indo, nas oportunidades.

Nós erramos, erramos feio. Eu coloco nós porque me sinto nesse processo, sou parte dele. Seria difícil falar fora dele, o considero nosso. Seria crítico falar “foi o Lula que errou”. Nós acreditamos que casa grande aceitaria a senzala. Essa foi a nossa crença. Estamos num processo em que tudo pode voltar à estaca zero se nós fizermos das ruas algumas histórias que fizemos no passado. Se nós fizemos como a água que roda, Raimundinho, vai lá e volta aqui, e não apontar para a frente para dizer o que queremos realmente desse movimento que está aqui, hoje, na luta pela reforma agrária, na luta pela reforma urbana, que não vai passar de reforma. Este País nunca vai fazer reforma agrária se não destruir o capital. Tem que deixar claro, senão vamos voltar para fazer o que fizemos há muitos anos. E vamos voltar aqui para repetir.

Não tem jeito de fazer reforma agrária no capitalismo; não tem jeito de fazer reforma agrária, reforma urbana ou qualquer mudança no sistema capitalista. O problema é o sistema. É muito menos a gente achar que por dentro do Estado burguês, a burguesia aceitará algumas mudanças estruturais. E olha que estamos falando, hoje, do governo popular, que nós conquistamos, e está sendo ruído por dentro, foram comendo.

Se não empregarmos essa lição e aprendermos com a história, quando iremos fazer a mudança? Quando apontaremos para frente? Já sabemos o que está na placa; temos de ler o que está atrás da placa. Temos de acumular forças com todo mundo para avançarmos. Alguém tem de dizer isso, tem de fazer isso.

O movimento que está na rua hoje tem importante, em Brasília tem importante, mas a gente está cá em cima, o Congresso está lá embaixo. O Congresso vai votar. Vocês acham que o Congresso que está aí vai perdoar a presidente Dilma? Não tenho esperança. Tenho que ser realista com vocês daquilo que sinto, senão vou falar um monte de mentiras. Se eu falar o que não sinto, vai ficar ruim para mim negar a minha história ou o que penso.

Esse *impeachment* começa agora, começa quando esta Assembleia e quando o Congresso já põe para ser presidente da Câmara dos Deputados o Eduardo Cunha. E o Eduardo Cunha não presta é agora? Ou alguém está com vergonha de dizer isso? Aquilo foi ladrão a vida toda. Estou falando porque será gravado nos anais, e eu não tenho mais o que perder na minha vida, porque cadeia para mim não falta mais. (Palmas)

Ou o Michel Temer não presta hoje? Ele não presta a vida toda. Serviu à elite oligárquica do estado de São Paulo, repressor, foi secretário de Segurança do governo Fleury, que mandou massacrar os Sem-Terra. Tem um vídeo na *internet*, vocês

encontram. “Getulina, meu amor”, a repressão que teve em Getulina. Esse Michel Temer era o secretário de Segurança. Eles não mudaram em nada. E o Renan? Grande Renan. Sabem quem era o Renan no “Fora Collor”? Lembram do Fora Collor? Muita gente foi para as ruas, outros mais novos, não; eu estava lá. Renan era líder do Collor. E agora está no Congresso, presidente do Senado, vocês acham que vai facilitar para o *impeachment*?

Vamos ter consciência. Eu não aguento mais. É uma corja de ladrão, bandido, sem-vergonha e safado da elite brasileira. (Palmas) Nessa maioria de deputados, sobram poucos honestos. Não estou aqui para falar dos nossos porque os meus companheiros podem ter erros, defeitos, não. Defendo eles. Tenho respeito pelos companheiros do PT e dos outros partidos, e do sentimento que tenho porque o Zé Dirceu vai morrer na cadeia se nós ousarmos voltar da rua sem dizer que a elite colocou ele e vai colocar todo mundo, vai por o Lula. Ou acordamos que a rua tem de ser o espaço para construirmos o nosso sonho do amanhã para os nossos filhos, ou vamos continuar escravos neste País de 500 anos de oligarquia, de miseráveis, de coronéis, de bandidos. Essa é a verdade.

A pessoa não tem oportunidade de debater nas ruas, não fiz nenhum discurso para dizer que a questão da Petrobras é o imperialismo. Os americanos querem botar a mão, querem o Pré-sal. Por isso que a Petrobras não vale nada. Mas quem roubou a Petrobras? “O PT”. Quem roubou não sei o que? “A Dilma”. Quem roubou a Petrobras foram os bandidos a serviço do imperialismo. E ninguém bota uma faixa “tira as mãos do nosso País!”. Já deixamos ter um culpado, que é a Petrobras, para dizer que os americanos não entram lá. Os americanos vão entrar lá, vão entrar na Amazônia se nós não tivermos coragem de empurrar as forças para fora, como fez o povo como fez o povo cubano, que não se vendeu, não se rendeu mas tinha um povo, tinha gente, tinha dirigente que formou um partido, formou uma organização que decidiu fazer a revolução. E o que está faltando na Esquerda brasileira é decidir se nós vamos fazer ou não. Se nós decidirmos que queremos fazer a revolução, nós faremos. Não há problema, agora tem que querer, não basta a gente dizer nem meia dúzia de intelectuais idiotas que não conseguem juntar ninguém atrás deles, que fazem um congresso que dá em um Fusca e mais tardar termina dando numa Kombi, e vão fazer uma revolução amanhã. A revolução será feita com esse povo, com esse jeito, com essa raça, nossa cor, com índio, negro, trabalhadores que decidiram que este País não é escravo mais. (Palmas) É esta a verdade. Dizer que nós vamos fazer, que estamos convencidos de que precisamos fazer, aí veremos o que está atrás da placa. Mas enquanto eu ficar com medo dos 30 anos de cadeia... Para mim virou 2. Pode aumentar mais, não cabe mais. No Brasil só dão 30 anos mesmo. Então, para mim um ano a mais ou a menos não faz diferença nenhuma. E vou continuar lutando.

Eles podem matar, mas já mataram quantos, pelo amor de Deus, neste País? Quantos morrem de fome? Quantas balas assassinas estão matando os nossos filhos nas favelas dominadas pelo tráfico, que é fruto do capital? É preciso a gente querer mudar, meus companheiros, enquanto é cedo.

A juventude não pode ser forjada por um projeto diferente que não seja um projeto de mudança. Essa é a FNL. É pequena, é um embrião, mas quero dizer neste Plenário a quem quiser ouvir e saber que ela não veio para formar simplesmente um pedaço de terra. Um pedaço de terra nós vamos dando para o povo. É o nosso feijão com arroz. Mas nós temos que marcar o dia do encontro e dizer para todo o mundo que tem que ir para as comunidades, para os morros, leve a sua bandeira de que a gente quer mudar. Vão para as ruas, para as cidades, para onde quiserem ir, mas coloquem a bandeira que querem mudar. A gente não quer reformar. E aqueles que querem mudar, e aqueles que querem lutar, no barco da liberdade cabe todo mundo.

Não seremos ignorantes na história de achar que ninguém serve, todo mundo é importante. Não existe o imprestável. É preciso construir um projeto para mudar com ideias, com raça, com cor, com gente diferente. O Brasil é assim, o Brasil é formado por uma cultura, e o povo baiano é um exemplo disso, têm uma sabedoria enorme. É juntar isso. Mas algum tem que abrir essa picada, e se não empurrar para lá, não vai. E nós temos que fazer isso se nós não quisermos ver os índios massacrados e perderem o resto de terra que temos, se nós quisermos continuar vendo neste País o mesmo massacre que fizeram com os negros. Não vou mergulhar na história, porque eu pouco entendo de história, mas o pouco que sabemos é que este País ficou quase 400 anos com escravos, porque negro não era gente. Mas a experiência, as mudanças, as sabedorias ficaram como ensinamento. Será que não se aprende isso? Será que a gente não aprende que foram os quilombos, com os ideais de Zumbi e de tantos outros, que uma dia disseram: “Nós não vamos ser escravos mais” – e um dia não foram escravos.

Ninguém deu liberdade aos negros, podem os historiadores escrever o que eles quiserem. Não escreveram que muitos negros cortaram o pescoço de brancos por esses engenhos afora, não escreveram isso. Não escreveram sobre Dandara, não escreveram sobre Zumbi. Espártaco um dia disse para os companheiros de cela que era possível conseguir a liberdade, lá na Roma Antiga, que era possível enfrentar o Império Romano, e fez a maior rebelião da história dos escravos. Massacraram todos, mas Roma, logo na frente, teve que admitir que tinha que abolir, senão teríamos escravos até hoje.

Na história da humanidade, não houve vitória sem o enfrentamento, sem a luta, em que a vida foi o último sacrifício dado para conquistar a liberdade dos outros, dos que vinham depois. Os negros morreram para não verem seus filhos escravos. *Spartacus* também – lembram o finalzinho do filme? É que dói: “Morram nessa cruz”. Mas quando viu o filho dizer: “Meu filho nunca mais será escravo...”

Ou a gente está decidido a mudar isso para a gente não ser escravo neste País ou fazemos de conta que somos de movimento, que somos de esquerda. A gente tem de estar convencido que, para a liberdade dos nossos filhos, dos nossos netos, da nossa gente, precisa destruir o Estado burguês, destruir o capital. É essa decisão que tem de ser tomada. (Palmas)

É nesse dia de Eldorado dos Carajás, com emoção, indignado, a gente está 20

anos depois, Marcelino, para escutar que no Paraná mataram, aí daqui a pouco sabe quem é o culpado, vai para cadeia? Vão para a cadeia os dois sem-teto, um foi para o cemitério e o outro ficou vivo foi para a cadeia. E os assassinos e mandantes? Não vão, pessoal, porque casa grande é com o Judiciário. A casa grande tem a mídia, a casa grande tem o Congresso, tem o Senado, para reprimir o nosso povo. (Palmas) Essa que é a verdade. E até quando isso continuará sendo assim? Não se esqueça que o povo sempre construiu a história, com a sua mente, com a sua inteligência, com a sua capacidade.

Nunca coloque na cabeça de vocês que o imperialismo é impossível derrotar, que o capital é impossível de derrotar. Se assim fosse, o povo hebreu era escravo dos egípcios até hoje. Um dia, eles decidiram que não seriam escravos mais, sob a lei de Moisés ou quem for. Mas a história de um povo. É isso que tem que de ficar na nossa cabeça: é quando eles decidiram que não iam ser escravos mais. Foi o dia que Davi decidiu que não tinha arma e com um pedaço de pau ou pedra venceria o poder do gigante. É o dia que a gente decide ir para a rua e não voltar pra casa. É o dia que o morro descer para as planícies, para o asfalto, e que não for Carnaval. Não está longe acontecer.

Este País não pode continuar mais como está. (Palmas) Está quebrado. Tudo que puderam levar já levaram, não cabe a reforma aí. Não cabe a reforma agrária, meus companheiros, temos de ter consciência disso. Como é que pode caber reforma agrária num País em que se joga mais de 200 bilhões para o agronegócio, e aquela mixaria dos tostões para a agricultura familiar. Meus companheiros, não cabe agricultura familiar. Só cabe agricultura familiar, só cabe decência, no campo no socialismo. Ponham isso na cabeça! Só cabe lá, onde a terra será um bem da humanidade, onde a terra será o espaço de tirar o pão com preservação para sustentar os seus filhos. Será como a mãe que com seu seio alimenta o filho para ver crescer. A terra só será livre numa sociedade diferente; no capital, será escrava da Monsanto, com toneladas de veneno, (palmas) com eucalipto, não deixando espaço para a gente trabalhar. Não cabe agroecologia dentro do capital. Não cabe, pessoal! Não cabe, porque para eles é o lucro, não a vida. O capital é o lucro, é o dinheiro, não a vida.

Não vai caber reforma urbana, meus companheiros, dentro do capital, porque as grandes empreiteiras têm de fazer grande para a classe média, e o pobre que se lasque de amontoado. Vai continuar favela. Só vai ter casa decente, e não vai ter favela, no dia que a gente fizer revolução, o dia que a gente construir o socialismo, construir outra sociedade. No capital, não tem jeito! Não vai ter emprego, não tem divisão de renda. O professor continuará escravo, porque ele não é útil. Nós precisamos entender isso. E é isso que me chama para a reflexão 20 anos depois, não como revoltado, mas como consciente. Também indignado de revoltado, mas como consciente do dever que a história me deu. Ou se trilha por esse caminho, ou senão a gente volta mais um tempo a chorar as lágrimas dos que serão sepultados, dos massacres das crianças, balas perdidas nas favelas.

É a essa reflexão que eu queria chamar vocês no dia de hoje. Não entrarei

muito nos aspectos que está colocado no País neste momento, mas é o momento de nós sabermos que as poucas conquistas precisamos defender, sim. Precisamos defender a democracia, defender a Dilma, defender o companheiro Lula, defender os companheiros. É uma questão de princípios! A FNL não nega isso.

Falei agora há pouco, se a gente não tiver postura, nós perdemos companheiros na cadeia... Não estou aqui para julgar, porque não sou nenhum tribunal, e se tiver que julgar, se tiver que atirar pedra, se tiver que enfrentar, eu enfrento o Poder Judiciário, não os meus companheiros que estão na cadeia.

É preciso ter lado, e a história me deu um lado. Por isso que estamos juntos nesse processo. Masa é preciso, antes de tudo, a gente ter a reflexão de que erramos muito, não se pode continuar errando. É preciso avançar, precisamos construir a unidade, queira ou não queira, a necessidade vai nos obrigar, na adversidade, mas a hora que nós definir que o projeto é igual, a gente vem tudo. É como a água que corre entre as pedras, faz caminho entre o mato, mas todo riacho corre para o rio, todo rio corre para o mar, porque ela está decidida a chegar no mar.

Se a gente tiver decidido chegar para mudar, para a revolução, nós vamos fazer ela, depois nós se acerta. Vai ter muito problema, porque senão a gente começa a discutir que lá não deu certo. Não deu certo não sei onde, não deu certo... Eu quero saber se lá não deu certo? Eu quero saber que vou fazer aqui, vai dar certo aqui. É aqui que quero fazer. (Palmas) É aqui que sei da cultura dessa gente e sei o que preciso. Eu não preciso do modelo cubano nem soviético, de nada disso. Eu preciso de um modelo nosso, com a nossa gente, com a nossa cultura, com a nossa sabedoria, com a nossa inteligência, e a gente fazer uma história diferente. E a gente mudar isso aí.

É esse convite, é essa convocatória que a gente quer fazer a vocês todos. Não precisa mudar a sua sigla; não precisa mudar o seu jeito de ser; não precisa enfeitar, a gente faz com o que a gente é, porque o que a gente vale não é o que a gente tem, é o que a gente é. É as nossas convicções, é o nosso caráter, é a nossa dignidade. Nós temos que saber construir isso.

E nós precisamos construir isso, meus companheiros e minhas companheiras. Nós precisamos de todos, todos, porque a gente não vai sozinho. O que não podemos é permitir meia dúzia de carrascos, de traíras atrás de nós. Muitos traíram já o processo na história. A FNL não vai decepcionar, não. Nós queremos trilhar esse caminho, mas temos consciência de que precisamos trilhar juntos. Essa juventude que está aí forte, com vontade de lutar, com garra; os velhos, como a gente está chegando lá, tantos ensinamentos, é preciso aprender com eles.

Eu prestava atenção nos detalhes dos discursos por onde passei dos companheiros que viveram a ditadura militar. Que ensinamentos, que histórias a gente tem que aprender? E a sabedoria nossa não está nos livros nem dentro das faculdades. É importante a gente dominar a ciência para dominar a natureza. Mas quantas pessoas sábias, inteligentes que está no meio do povo, que sabe aonde querem chegar, está faltando a gente decidir marcar a hora para a gente poder avançar.

É nesse aspecto que temos que refletir e discutir sobre Eldorado dos Carajás, o que fizeram, para gente olhar da ponta de lá para cá: o que tem mudado e o que vai mudar? Que esperança vamos ter para a frente? Dizia o velho sábio: “Se quiser construir o futuro, planta hoje o que você quer para o futuro.” Ou plantamos hoje a semente de um processo de mudança sério, com as massas, com o trabalhador, de que não tem jeito continuar com essas reformas e continuar vivendo esse estado repressor ou nós então vamos colher lá na frente o que nós estamos plantando. É agora ou nunca!

As ruas depois de domingo vai nos trazer uma lição. A minha preocupação é a gente voltar para casa. Se perder, a gente volta cabisbaixo; se ganhar, parece que é um campeonato de futebol. Aqui não é isso, companheiros, a gente tem que entender que o processo é de luta de classe. O Congresso é uma classe dominante que de lá manipula meia dúzia ou parte do setor da sociedade, que com raiva do que está aí, disputando com nós na rua, de cá os que querem e que precisa ter mudança. Os de cá não vão ter mais espaço, e aí incluo todas as forças populares e democráticas. A disputa está na rua; se não tivermos inteligência, voltaremos depois, mas pra fazer o quê? É uma reflexão. E é isso que temos que começar a pensar, voltamos para fazer o quê? Perdendo ou ganhando, a estrutura deste Estado não vai mudar em nada. Podemos aliviar algumas conquistas, mas, sejamos sinceros com nós mesmos, não vai mudar em nada.

Ou a gente vai pra a rua e dela começa a construir um caminho que não volta, ou então a gente não implementa mudanças. Que pena que aqueles 100 mil que estarão domingo, e deve ter mais, vão só até o espelho d’água. Que pena! Se eles empurrassem um pouquinho para frente, terminava com aquela história no domingo, acabava com essa farsa. (Palmas) Vou afirmar aqui antecipadamente: só é possível mudar a história daquele Congresso se o povo estiver decidido a tomar, a empurrar para aquela água abaixo, e de lá não sair.

A pergunta é se quem está na frente, está com essa disposição? Porque, se não tiver, naquela sombra de água fresca, longe de escutar o barulho da rua, votam, cassam a Dilma e botam todos nós na cadeia. Vamos ser sinceros com nós mesmos, não tenho dúvida disso. Talvez eu possa ser o próximo, já tenho um monte de anos de cadeia, aí só faço me juntar lá. Ou a gente entende a realidade como ela é ou ficamos refletindo e querendo que a realidade seja como a gente quer. E a realidade não é como a gente quer, dizia Maquiavel, é como ela é. É esta realidade, é esta conjuntura que estamos vivendo neste momento.

A reforma agrária já não tem mesmo, mas vocês viram o TCU, aquilo não tem moral para nada, não tem! Meia dúzia da casa grande, fecha essa reforma agrária, esse pouco que tem. Baixou lá e pronto! E é isso mesmo.

O presidente Lula não tomou posse, pessoal. A Constituição garante, é legítimo, mas o dono do engenho deu uma liminar dizendo: “Não, não vai tomar posse”. E assim sucessivamente. A produção da Lava Jato é para botar a gente na cadeia, não eles! É essa reflexão que tem que ser feita. É isso que tem que se chamar a atenção: o

que nós vamos fazer na rua? É só para gritar fora não sei o quê? Temos que ir à rua para construir a história. Ou a gente está decidido para isso ou a gente continua sendo escravo, vivendo dentro da senzala. Só acaba com essa senzala no dia que a gente decidir derrubar a casa grande. É isso que queria deixar como reflexão com vocês, para nós não voltarmos, meu companheiro Marcelino, companheiros da Mesa, nossos militantes, daqui a 20 anos pra dizer quantos mais eles mataram.

A nossa querida professora, que conheci em 1998 num encontro de Geografia, em Vitória da Conquista, com mais companheiros, lá a gente já tinha o mesmo debate, a mesma discussão. Quero te parabenizar pela iniciativa, pela coragem de estar com a tese que tem, de defender algo que você acredita. E isso é fundamental no ser humano: quando a gente acredita e defende o que quer, é possível conquistar.

Por isso, esses exemplos têm que ser para as massas que vão para as ruas. Por isso que se acredita na revolução, são esses exemplos. Imaginem se professora dissesse: “É impossível, não vou conquistar”. Se pensasse assim, não tinha conquistado o que conquistou. Quantas dificuldades você enfrentou para chegar a esta homenagem hoje, sendo um espelho, um exemplo para muitos jovens, para muitas pessoas que estão aqui?

A gente tem de ser perseverante, tem que ser o mandacaru do Nordeste, que dá tanto exemplo de como é que se resiste à seca.

Companheiros, não é impossível destruir o capital. É possível, se a gente acreditar. Podem pegar na Bíblia, onde vocês quiserem, a palavra que está dentro de nós é acreditar que é possível. É isso que precisa ser feito: ou acreditamos que é possível mudar a história ou vamos viver sendo escravos a vida toda.

A FNL, com pouco tempo de militância, com poucos anos vividos, está dizendo: “Acreditem, vamos lutar para mudar”. (Palmas) E assim convoca vocês para esse processo.

Portanto, quero deixar meu abraço fraterno a todos e dizer: não pensem e não achem que o outro é mais ou menos importante que você. Todos aqui são importantes: o velho, o novo, o negro, todos têm seu valor, o valor da sua cultura, da sua crença, da sua raça, até do seu time de futebol. Todos são importantes, o que diferencia nós deles não é se sou mais ou menos bom; a diferença do mundo, companheiros e companheiras, não está nos bons e nos ruins, a diferença está na classe. É a classe dominante contra a classe pobre. É essa a diferença e é isso que temos que entender.

Existem muitos bons, mas para quê? Então, temos que estar convocados não para fazer amizade, porque amizade se faz no churrasco, no piquenique. Estamos convocados aqui para ser companheiros, e companheiro se forja na luta. É lá que identificamos onde o meu problema passa a ser o seu, e o seu passa a ser o nosso. O dia que a causa for nossa e os ideais forem nossos, vamos mudar o Brasil, vamos fazer a reforma agrária, vamos fazer a reforma urbana e vamos destruir a casa grande. E assim vamos elevar os humildes.

Um abraço fraterno. Vamos à luta! Contem com nós. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Registro a presença aqui nas Galerias da Escola Municipal Edivaldo Boaventura, de Areia Branca, bairro popular de Salvador. (Palmas) Também registro as seguintes presenças: nossa companheira Marta Rodrigues, presidente do PT de Salvador; Alexandro Santos, coordenador nacional do MRC (Movimento de Resistência Camponesa); Sandra Lima, coordenadora estadual do MRC; Valdimário Beltrão; Grupo LGBT de Canavieiras e região; Antônio Edgar Neto, coordenador setorial de Educação do Partido dos Trabalhadores, que ontem fez um belo ato no Colégio Central; Fábio Nogueira, presidente do PSOL de Salvador; Zé Leite, coordenador do MMA (Movimento de Moradia Digna); Kleber Rosa, secretário-geral da Intersindical; Marcel Leal, presidente do Sindicato dos Peritos Técnicos da Bahia; Jéssica Camargo, dirigente nacional da FNL (Fundação Nacional de Luta); Maicon Leopoldo de Andrade, do Centro de Estudos e Ação Social; Adiel Pereira, NLT; Júlia Garcia, diretora de Mulher do Sindicato dos Engenheiros da Bahia; Caio Teixeira, diretor de Cultura da UNE; André Santos de São Pedro, da União de Moradores de São Marcos e Pau da Lima; Denílson de Alcântara, professor da Escola Polivalente de Amaralina e do Projeto GeografAR.

Vamos seguir com as falas da Mesa, para uma saudação, dizendo que o tempo especial que demos ao nosso o companheiro Zé Rainha foi porque ele foi o convidado especial para este ato, mas as próximas falas terão um tempo de até 3 minutos.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Vamos convidar agora o Ouvidor-Geral do Estado, o ex-deputado Yulo Oiticica.

Quero registrar a presença também do deputado Bira Corôa.

**O Sr. YULO OITICICA:-** Quero parabenizar o deputado Marcelino Galo por uma iniciativa tão importante, parabenizar a todos e a todas que estão aqui. Zé Rainha, nós baianos em momentos difíceis, e até nos fáceis, mas sobretudo nos difíceis, costumamos dizer que a nossa força vem dos santos, encantos e axés. E, neste momento, a gente inspira a todos para essa luta, sem dúvida nenhuma.

O velho poeta baiano, Castro Alves, diante de um momento difícil quando navios traziam pessoas para cá, disse: Senhor Deus dos desgraçados, por que tanto horror perante os céus?. E perguntamos: Eldorado dos Carajás até quando? Carajás até quando, Zé Rainha? Como você bem colocou aqui.

Primeiro governo Lula - um governo de transição. Ademário e a sua paciência revolucionária. Segundo governo Lula - governo de transição. Primeiro governo Dilma - governo de transição. Segundo governo Dilma - revolução ou golpe. (Palmas) Este é o momento que estamos vivendo. É revolução ou golpe. E eu não tenho dúvida de que o povo brasileiro que está aqui nesta sala agora e que está em tantos cantos da

Bahia e do Brasil fazendo a resistência tem uma vida marcada, Zé Rainha, guardadas as proporções, na sua história de vida.

Todos que estão aqui e que estão nesses lugares, os nossos heróis não morreram de overdose. Luíza Mahin, Martin Luther King, Zumbi, Malcom, e tantos, não morreram de overdose. Assim como Sérgio Guerra vive da resistência, Guiomar vive da resistência, nossos heróis estão aqui no meio de nós. E a vamos ser capazes, não tenho dúvida, de enfrentar esse momento com a capacidade que ele exige.

Gandhy disse que há resistência pacífica, mas passividade diante da injustiça, nunca! E Kant disse: depois que cansei de procurar, eu encontrei. Depois que o vento resistiu às minhas velas, eu aprendi, Jerônimo, a velejar com todos os ventos.

Portanto nós temos a resistência da luta do povo brasileiro, a capacidade e a maturidade, Zé Rainha, de caminhar com todos os ventos.

E eu termino dizendo que o que queremos não é nem a casa grande nem a senzala, a gente quer um país onde o Zé seja rainha, onde Guiomar seja o rei, onde a gente tenha um País onde caibam todas as diferenças. Por isso a ousadia do GeografAR, a ousadia de reconstruir, Helen, por isso a ousadia de acreditar que outro Brasil é possível. Tenho a certeza de que, no domingo, o espelho d'água vai refletir, para azar deles, a nossa cara. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer a Yulo Oiticica - representante do governo do Estado e registrar a presença da Dr<sup>a</sup> Eva Rodrigues, representante da Defensoria Pública do Estado da Bahia, sempre presente nas causas nobres do nosso Estado. À Bessa, representante do Sindicato da Polícia Rodoviária Federal, muito obrigado por sua presença. A Marcel Engrácio - presidente dos Peritos Técnicos. A Ari, presidente do Sindipol. Muito obrigado por estar aqui.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Vamos ouvir agora o nosso companheiro Edson Santos, coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Independentes.

**O Sr. EDSON SOUZA SANTOS:-** Bom-dia a todos e a todas, companheiros e companheiras.

Quero saudar a Mesa nas pessoas da deputada Fátima Nunes e de D. Guiomar, e saudar todos os presentes.

Quero dizer que, para mim, é uma honra estar aqui, nesta Casa. Fui uma vítima também, como Zé Rainha. Passei 25 dias, eu e mais 7 companheiros, numa prisão que não queiram passar.

Mas, como foi dito aqui, se não tomarmos a iniciativa de ir para as ruas, para lutar contra esse golpe, iremos voltar. Então, para que isso não possa acontecer com esses líderes que estão aí, pleiteando alguns sonhos de algumas famílias, precisamos

abraçar a causa de que golpe não há, mas, sim, luta.

Nós, do MTI, estamos à disposição para estarmos juntos na rua, clamando, gritando, lutando pelos nossos direitos, pela democracia em nosso País. O nosso País é muito rico, como foi dito, com várias diferenças. Uns têm muito, outros não têm nada. Então, queremos estar juntos dizendo: democracia a todos.

Quero parabenizar Marcelino Galo por esta audiência. Muito obrigado pelo convite.

No dia 19 de outubro tivemos uma audiência dessa em Eunápolis. Foi um sucesso. Depois dessa audiência, deputado Marcelino Galo, veio a perseguição. O capitalismo abraçou as causas das empresas de papel, a causa que vêm ditando em nosso País da forma que eles querem. O Amazonas está aí, a Petrobras também. Todos eles querem tomar os nossos patrimônios. Se não abrirmos os olhos, eles já estão aí, não há dúvidas disso, mas querem empurrar a gente de qualquer forma.

E nós, como brasileiros, não vamos deixar acontecer isso. Vamos para as ruas gritar democracia, golpe não, luta sim! (Palmas)

Agradeço a todos pela presença, companheiro Sandro e companheira Sandra, do MST, que são parceiros do MTI. E quero agradecer a todos os presentes por nossos companheiros que estão lá, e ser solidários às famílias que perderam pessoas lá, no Pará, e o cacique também. Passei por aquele momento, mas estamos juntos dizendo: golpe, não, luta, sim!

Agradeço a todos pela presença.

Muito obrigado à Mesa, e um abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao companheiro.

Registro as presenças de Eduardo Henrique dos Santos, representando a Superintendência da Conab; e de Kívio Lopes, representando o secretário da Justiça e Direitos Humanos da Bahia.

Vamos ouvir, agora, o nosso companheiro Antônio Carlos, que aqui representa a União da Resistência Camponesa.

**O Sr. ANTÔNIO CARLOS FERREIRA:-** Bom-dia a todos e a todas.

Saúdo a Mesa.

A gente da URC sempre diz que em nosso País nunca acabou a escravidão, porque é muita falta de respeito como esses partidos que estão aí: não ganham na política e querem tomar na marra, através de golpe.

Outra coisa desrespeitosa é um candidato que nem o Cunha: o cara deve, roubou o País todo e quer dar um golpe numa presidente que não deve e nunca roubou ninguém. Isso é muita vergonha em nosso País. (Palmas)

E também a gente fica muito triste com o nosso Judiciário está impedindo o INCRA de trabalhar, porque disse que era para investigar isso e aquilo lá fora. Aqui na Bahia o mesmo Judiciário está tirando os sem-terra das terras deles, das terras que são da reforma agrária, para entregar à empresa Veracel e essas outras empresas que existem por aqui. Isso aí é muita falta de respeito para nós, brasileiros, e nós temos que lutar, sim. É como o companheiro Zé Rainha falou, a gente do movimento tem que ir para a guerra, tem que evitar esse golpe sujo desses mafiosos ladrões que andam roubando no nosso país.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora, vamos ouvir a homenageada nesta sessão, estendendo essa homenagem a todos os companheiros do GeografAR, a toda essa equipe, na pessoa da professora Guiomar Germani. (Palmas)

A professora não mostrou o gráfico da reforma agrária na Bahia, mas ela fez um representando todos os momentos. E no gráfico apareceu um montinho lá em cima. Eu estava conversando com ela e quando me mostrou o mesmo vi que o período entre 2003 e 2005 foi o em que mais houve reforma agrária na Bahia. E lá havia um superintendente, que não posso falar aqui quem é.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Com a palavra a professora Guiomar Germani.

**A Sr<sup>a</sup> GUIOMAR GERMANI:-** Esta homenagem, me deixa emocionada, e mais emocionada porque me pegou de surpresa. Eu vi que o pessoal estava armando, organizando alguma coisa, mas não me falaram. Foi ficando mais claro, e mais claro ficou aqui. Então, junto com a emoção da homenagem vem também a emoção da surpresa.

E eu sei que essa homenagem só é possível porque a gente tem também um deputado nesta Casa muito sensível a essas causas e, seguramente, ouviu as suas bases, a sua militância, não é, Helen, para fazer essa homenagem. Muito me orgulho de ter conhecido nessa longa caminhada, em outras trincheiras, Marcelino Galo, que tem, no exercício do seu mandato, colocado as causas populares, em que ele e eu sempre acreditamos, em primeiro lugar. A forma de Marcelino fazer política dignifica e mostra que nem todos os políticos são iguais.

Esta homenagem é muito significativa para mim e para todos do GeografAR que estão aí. E eu não sabia essa do vídeo. Já falei tudo que tinha que falar nessa aula.

Mas acho que é muito significativo para nós que esta homenagem aconteça aqui, na Assembleia Legislativa, nesta Casa do Povo onde se tem a oportunidade de pensar e legislar para o povo. Uma Casa que nem sempre age da forma como a gente gostaria.

E é muito significativo também que estejam aqui, nesta sessão, tantos

companheiros e companheiras, colegas da universidade e até meu companheiro colegas da universidade e até meu companheiro de vida, meu marido Luís Antônio, veio para essa homenagem. Então acho que isso dá um significado, um sentido e até achamos que é um reconhecimento pelo que temos feito.

Mas um grupo de pesquisa não se constrói sozinho, só porque quer uma coordenadora doida que aparece aqui. Ele se constrói também porque há outras pessoas doidas que acreditam na mesma coisa, Gilca, com quem divido a coordenação desse grupo de pesquisa.

Quero dar um abraço carinhoso a todos que estão aqui nessa homenagem, em nome do GeografAR, e dizer que é muito importante para todos nós esse reconhecimento. E também é muito especial essa homenagem nesta sessão na qual se honra a memória do Eldorado dos Carajás, onde tombaram 19 companheiros. Mas sabemos que outros tantos continuam tombando e vão tombar. Outros deles estão presos, como o Cacique Babau, mesmo que seja em prisão domiciliar, estão privados da liberdade por seus ideais.

Então é muito significativo estar aqui sendo homenageados, é como se fosse uma confirmação. Quem está aqui neste ato confirma o seu compromisso pela construção de um país diferente e em saber e acreditar que a reforma agrária popular é uma das condições para termos um país diferente.

Não sei quanto tempo tenho, mas quero dizer o motivo pelo qual é significativo, nesta sessão, onde se lembra os 20 anos do Eldorado dos Carajás. Porque o GeografAR começa as suas atividades institucionais, como grupo de pesquisa, em março de 1996, quando foi aprovado um projeto integrado de pesquisa no CNPq, cujo objetivo era entender a geografia dos assentamentos na área rural. Estávamos festejando a aprovação desse projeto, quando ocorre Eldorado dos Carajás. Esse fato confirma a pertinência, a atualidade, a necessidade da proposta que o grupo vai construir e perseguir.

Depois do Eldorado dos Carajás, todo o abril é vermelho. Mas durante todos os meses do ano, vamos nos empenhar para entender e olhar atrás placa, Rainha, para entender porque tanta violência nesse campo. Nós nos debruçamos sobre o campo baiano, que já é de bom tamanho. E vamos tentando construir as nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão, junto com os sujeitos que sofrem, constroem e vivem nesse campo baiano.

Por isso é muito importante estar aqui juntos. É como se na trincheira da universidade tivéssemos construído uma base de conhecimento, produzindo conhecimentos coletivos que servirão também para toda a sociedade. Nessa trajetória, acreditamos que a reforma agrária não é só uma luta dos movimentos sociais, não são só os movimentos sociais que darão conta de romper com a estrutura fundiária deste País. Mas é uma luta de toda a sociedade.

Nesses 20 anos, fizemos uma camiseta pensada pelo grupo todo, em que o símbolo dos 20 anos está rompendo as cercas. Nós rompemos as cercas do latifúndio,

do conhecimento, da universidade e esperamos contribuir para que os latifúndios da realidade se rompam. Mas é também importante que neste 17 de abril, dia em que se comemora a memória de Eldorado dos Carajás, o nosso grito, antes de ser um grito de reforma agrária já, vai ter que ser um grito contra o golpe. Não vai ter golpe, vai ter luta! (Palmas)

(Todo o plenário grita: Não vai ter golpe!)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Não vai ter golpe, vai ter luta!

**A Sr<sup>a</sup> GUIOMAR GERMANI:-** Não vai ter golpe! Vai ter luta!

É isso que dá o sentido para nós. Obrigada, geografandos. Obrigada a todos os que estão aqui. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer a professora Guiomar Germani pelos serviços prestados ao povo brasileiro, ao povo da Bahia e também a todos os estudantes que tiveram a oportunidade de participar dos projetos e, principalmente, do GeografAR coordenado pela nossa querida professora.

Quero registrar a presença de Roseval Leite, coordenador estadual da Fetraf – Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar; de Fátima Freire, da Secretaria das Mulheres do PT, Centro da Mulher Baiana; do nosso querido Sérgio Guerra, professor e também do Conselho Estadual da Educação e da Uneb; de Uelson, vereador de Inhambupe e também da Associação dos Povos de Terreiro; Natan Vieira, diretor de Planejamento Social da Seplan; Comitê Ufba em defesa da Democracia Contra o Golpe; Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo Marize Carvalho; Movimento pelo Teto e Terra de Dias d'Ávila; Eudes Oliveira e professora Gisele, lideranças comunitárias do Nordeste de Amaralina. (Palmas)

Agora, nós vamos ouvir a nossa deputada Fátima Nunes pelo tempo de até 3 minutos. A deputada é guerreira, mulher determinada do nosso Nordeste e tem uma participação ativa na luta pela terra no nosso Estado e no nosso País.

**A Sr<sup>a</sup> FÁTIMA NUNES:-** Bom-dia a todas e a todos.

Só para dizer o nome de todas as autoridades da Mesa, já gastaria os 3 minutos. Então eu quero parabenizar o nosso deputado, companheiro de batalha, Marcelino Galo; na pessoa do companheiro Zé Rainha saudar a todos que são do movimento, das lutas; na pessoa do nosso secretário Jerônimo Rodrigues, saudar o nosso Executivo, e também saudar todos os companheiros de batalha.

Tenho gastado bastante tempo indo por aí afora onde encontro a companheirada nos assentamentos, em Salvador, nos morros, onde vou, falo sempre essa mesma coisa. O deputado Joseildo Ramos que, há pouco, estava conosco, até colocou-me o título de desassombrada, cada hora ele me dá um título. O deputado Bira Corôa está conosco aqui, ótimo, parabéns! Eu sempre digo o seguinte, neste país, graúdo, sempre

foi graúdo. Agora, nós que somos o povão, os mais simples, os quebrados, os que lutam todo o dia para escapar com vida, e escapamos porque somos teimosos e Deus é bom conosco, eu acredito nele, às vezes, na história, iludidos pela cantiga dos graúdos, fazemos também umas bobagens muito grandes. Reparem bem, como é que elegemos a Dilma e elegemos uma “tranqueiragem” daquela para o Congresso Nacional? Por favor! (Palmas) E nós deixamos de fora vários companheiros que estão na nossa caminhada. Quantos deputados dos partidos de luta passaram nos nossos assentamentos, nos nossos bairros, nas nossas ruas, vieram conversar conosco? Não vocês que estão aqui e que são muito conscientes e lutadores, mas nos lugares onde andamos o povo diz que para agradar o povo do PT vota em Fátima Nunes, mas para agradar o prefeito, o vereador, ou não sei quem que passou aqui, vota na tranqueiragem que também deu um papel a eles. (Palmas)

E agora chegamos na cruz. Claro que não tiro nenhuma das palavras que foram ditas aqui pelo nosso companheiro José Rainha, porque, se não tivermos a ousadia de lutar, não vai ser o fim do golpe, segunda ou terça-feira, que vai resolver este país, não. Acredito nisso. Porque graúdo sempre foi graúdo e pequeno, lutador, trabalhador na fábrica, no campo e na cidade será sempre esse. As nossas leis, a nossa Constituição não foi feita por nós e nem para nós. E como alterar essa realidade dentro desse mesmo modelo antigo e histórico?

Então, a nossa caminhada está bem antenada e mostrando que não vai ter golpe, mas tem que haver sempre a continuidade da nossa luta. (Palmas) Essa que é a palavra de ordem do dia. Senão não tem futuro, estaremos só contando e recontando. Por que não ganhamos poder? Nós não somos o poder, mas há uma pessoinha aqui num canto, outra ali em outro, outra ali em outro, mas o modelo do Estado não é nosso, o poder não é nosso. E temos que lutar para tomar o poder um dia e sermos nós que mandemos de verdade. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer à deputada Fátima Nunes, mulher guerreira, pela sua participação.

Continuando, quero registrar a presença da nossa querida Beth Wagner, mulher de luta, ambientalista, também militante da cultura deste Estado. (Palmas)

Agora, vamos passar a palavra para um movimento também muito importante neste País, que é o Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, aqui representado por Edvagno Mato. (Palmas)

**O Sr. EDVAGNO MATO:-** Bom-dia, companheiros e companheiras aqui presentes, quero saudar a Mesa na pessoa do deputado Marcelino Galo e, ao mesmo tempo, parabenizá-lo por essa iniciativa, que é muito importante, e pelo seu trabalho colocando seu mandato à disposição e em favor da luta da classe trabalhadora. Quero dizer que este momento no dia de hoje, um dia em que não temos muita coisa a comemorar, é um momento especial para alimentarmos nosso espírito de luta, nosso

espírito de companheirismo. E para estarmos sempre unidos nessa luta, principalmente nesse contexto em que estamos vivendo. Quero dizer que a história do campesinato, dos camponeses, foi sempre marcada por lutas. Desde a invasão do Brasil, tivemos a luta pela libertação dos escravos, e ainda hoje continuamos nessa luta pela libertação da classe trabalhadora. Quero lembrar aqui um momento que aconteceu no nosso País, que foi a guerra de Canudos. Um momento em que houve uma luta muito grande, já naquele momento, pela reforma agrária, por uma sociedade mais justa e mais igualitária, garantindo o seu pedaço de chão para poder conseguir o alimento saudável para suas famílias. Na década de 50, 60, também tivemos as Ligas Camponesas que fizeram lutas importantíssimas neste País, pela reforma agrária e por um plano no campo onde pudéssemos ter uma vida digna e de qualidade. Em 64, com o golpe, todas as lideranças que fizeram essa luta foram massacradas, desapareceram. Contam que mais de 1.500 lideranças camponesas desapareceram naquele período do golpe, durante a ditadura militar.

Por isso que não queremos voltar mais a esse tempo, porque era um tempo onde era proibido até falar a palavra camponês. Esse conceito campesinato era proibido falar nesse período. Não queremos voltar mais a esse tempo, queremos continuar na luta. E dizer que o massacre do Eldorado é o seguimento do que o Estado, a burguesia, a classe dominante faz com a classe trabalhadora, o que aconteceu e que hoje vem acontecendo no Paraná recentemente. Temos município aqui na Bahia, a exemplo de Monte Santo, em que o massacre vem acontecendo com os trabalhadores e lutadores. Então, não podemos deixar que isso aconteça, o Estado omisso, as coisas acontecendo, a mídia não mostra, o povo precisa se levantar, se erguer para poder defender os seus direitos e impedir que isso aconteça.

O MPA vem aqui reafirmar o seu compromisso na luta pela democracia contra o golpe e por uma democracia que seja verdadeiramente uma democracia, que seja participativa. Vamos lutar contra o golpe, acreditamos que não vai acontecer o golpe mas a luta deve continuar para que possamos ter aí transformações estruturais em nossa sociedade.

Quero agradecer e continuaremos firmes nessa luta, o MPA na aliança campo/cidade por uma sociedade justa e igualitária.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, companheiro. Quero registrar a presença da União dos Estudantes da Bahia, com a nossa companheira Jéssica Santos, muito obrigado; registrar a presença da secretária da Juventude do Partido dos Trabalhadores, Elen, que está com a camisa do GeografAR; registrar a presença também de Anselmo Pereira, que hoje está na STR, assessor de Jerônimo, ex-dirigente da CDA

Passo a palavra agora ao companheiro Ciro Cedraz, aqui representando o

Superintendente do INCRA da Bahia.

**O Sr. CIRO CEDRAZ:-** Bom-dia a todos e todas. Gostaria de cumprimentar os movimentos presentes, os parlamentares colegas do INCRA, secretários, o deputado Marcelino Galo pela bela homenagem que fez ao GeografAR e pelo momento único que nos faz lembrar dessa tragédia, que foi o Eldorado dos Carajás, e lamentar que depois de 20 anos ainda estejamos lamentando as nossas perdas no campo. Todos os dias, na Ouvidoria do INCRA, deputado, temos conta de violência e mais violência cometida contra os companheiros sem-terra que estão na luta por uma política do Estado, por uma necessidade e o Estado não fez a reforma agrária.

Gostaria de dizer a vocês, ainda que o INCRA, em que pese os nossos companheiros serem servidores públicos respeitados, comprometidos, empenhados com a reforma agrária, o INCRA e a reforma agrária estão sob ataque constante do TCU, ataque constante da mídia, que não só maculam os movimentos sociais. Na verdade, eles engessaram a nossa estrutura porque não querem nem regularizar terras para os quilombolas, muito menos que façamos a reforma agrária.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

**O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):-** Gostaria de agradecer ao representante do INCRA; registrar a presença aqui de Davi Feitosa, do projeto Aquário Limpo Abaeté; registrar a presença entre nós do pai Osvaldo Reis, Babalorixá do Terreiro Tira Teima, de Pernambués.

Agora, vamos passar a palavra para um movimento muito importante de luta pela terra, que é o nosso companheiro Edino Souza, dirigente do CETA.

**O Sr. EDINO SOUZA:-** Bom-dia companheiros e companheiras, quero saudar a mesa aqui em nome do deputado Marcelino Galo.

Depois das palavras do companheiro José Rainha, observamos que ele falou a realidade da reforma agrária no Brasil. Voltamos para a Bahia, Oeste da Bahia, por exemplo, onde há o maior número de concentração de terras públicas e vemos que as autoridades praticamente não fazem nada. Vemos hoje o TCU notificando vários e vários assentados. Temos no Oeste da Bahia fazenda de milhares de hectares onde existem sucatas, que sabemos que é dinheiro público, temos assentamentos que não têm estradas, fazendas que têm vários equipamentos que foram comprados com o dinheiro público, está lá tudo sucateado. Hoje existe um órgão de controle que não vai ver isto. Onde tem um assentado, ele não pode ter uma bicicleta, porque eles vão estar em cima: “O assentado tá rico, ele tem que sair da reforma agrária”.

Os nossos objetivos dentro dos movimentos sociais é de que o assentado tenha uma melhora de vida, não é para ele ser mais miserável. Existem ocupações que têm 15 anos, 16 anos, onde as primeiras pessoas que fizeram a ocupação já morreram. Temos ocupações que vivem até hoje embaixo da lona há mais 15 anos, fazem várias

reintegrações de posse.

Ontem, aconteceu uma reintegração de posse dentro da ocupação da gente. Quando você vai ver, é terra pública. Isso é um descaso com a reforma agrária, porque temos hoje um órgão que praticamente está malvisto, pois os servidores não tem mais como trabalhar. Quando o servidor vai para o campo, a diária dele dá, malmente, para fazer um lanche. (Palmas) Não existem recursos para fazerem o seu trabalho.

Daí vemos hoje uma série de pessoas criminalizando a reforma agrária. Para nós, a unificação dos movimentos é muito importante. Como estávamos vendo no documentário da professora Guiomar, do projeto GeografAR, aquela ocupação onde existiam 12 movimentos. Se não nos unirmos e formos para a luta, a reforma agrária vai acabar, quem faz a reforma agrária são os movimentos, não é o INCRA que faz nem o governo.

Se fosse assim, existia a reforma agrária em todos os pontos do Brasil. Mas devemos observar que onde não existe movimento organizado não existe a reforma agrária. Nós não vamos parar de lutar!

Eu tive a honra de ser assentado em 2003, quando Marcelino era o superintendente. Na nossa região, daquela época para cá, a reforma agrária parou. Nós temos um assentamento chamado Lagoa Dourada, no município de Paratinga, no qual as famílias se encontram abandonadas no momento, pois não conseguimos fazer mais nada lá dentro. Continuamos a ver o TCU notificando os assentados, porque não podem ter uma bicicleta que por isso estão ricos. Não pode ter mandatos.

Então é isso, gente, vamos à luta! E não vai ter golpe! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero registrar a presença do companheiro Branco, presidente da Colônia Z-1, do Rio Vermelho, que organiza a festa de Iemanjá, no dia 2 de fevereiro. Muito obrigado pela presença.

Agora nós vamos ouvir o nosso superintendente regional do Trabalho, Zé Maria Dutra, um personagem histórico, fundador do Partido dos Trabalhadores, que hoje tem essa missão de fiscalizar, coibir e acabar, ou seja, erradicar o trabalho escravo, principalmente no campo, que ocorre ainda, infelizmente, no século XXI em nosso País.

**O Sr. ZÉ MARIA DUTRA:-** Bom-dia companheiras e companheiros. Quero saudar e parabenizar Marcelino Galo por este evento, saudar o companheiro Zé Rainha, o qual admiro há muitos anos, a companheira Fátima Nunes, saudando todas as mulheres e demais autoridades aqui presentes.

Lá no Ministério do Trabalho, nós temos uma ação relacionada ao combate ao trabalho escravo. Quero dizer que esse Congresso Nacional, que a “bancada do boi” Congresso Nacional quer descriminalizar aquilo que os movimentos sociais

conseguiram na luta – criminalizar o trabalho escravo, transformá-lo em crime –, querendo tirar isso da lei e reduzir mais o direito! E se houver golpe, minha gente, esse direito vai também ser retirado. É mais um deles que vai ser retirado!

Eu quero perguntar, aproveitando este tempo bem curto: por que é que José Dirceu está preso, e o Cunha está solto? Por quê? O que é que justifica? Só justifica porque no Brasil - aquilo que a deputada Fátima Nunes fala - o único jeito que existe de os gráudos dominarem - eles que são minoria - a maioria da sociedade é tentando colocar na cabeça dos mais pobres que estes são inferiores e eles, superiores. Não há nada contra o José Dirceu, mas ele vai preso assim mesmo. Há muitas coisas contra Cunha, e ele está aí tentando derrubar uma pessoa honesta.

E assim acontece no nosso dia a dia, morrem 13 jovens na periferia, e a classe média não está nem aí. Ela não sente nada! Mas, quando morre um jovem da classe média, a sociedade fica toda triste porque eles se consideram superiores a nós. Eles não aceitaram que o Lula, um dos nossos, sentasse na cadeira que eles achavam que era só deles. Eles nunca acharam que o Lula merecia estar naquela cadeira e por isso atacam. E atacam todos os dias porque eles acham que Lula é inferior, que só eles são superiores e só eles merecem sentar naquela cadeira.

Quero dizer, Rainha, que Castro Alves foi um homem que lutou contra a escravidão e entrou para a história, assim como todos os que lutaram contra a escravidão. Os doutores, desembargadores, todos os gráudos da época, nenhum está nos livros de história. E companheiros como Zé Rainha, no futuro, estarão nos livros de história. Essa elite que é covarde, nenhum deles estará nos livros de história!

Agora, Rainha, eu posso discordar de muitas coisas, mas concordo em duas com você: o Brasil só vai ser um País para todos quando superarmos essa divisão de classes sociais na sociedade brasileira. A segunda coisa que concordo é que só vamos conseguir isso se formos para a rua, para a luta! Dentro dos gabinetes só, não conseguiremos chegar.

Gente, não vai ter golpe! Vai ter luta! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer a Zé Maria e informar a vocês que há duas CPI's no Congresso Nacional, uma da Funai e a outra do Incra. Esta foi instalada de forma coercitiva para obrigar o secretário de Finanças da Contag a depor. Observem as coincidências. Então, isso é a continuidade do processo de criminalização dos movimentos sociais.

Passo a palavra ao nosso companheiro Fábio Nogueira, que é da Frente do Povo Sem Medo com luta, pelo tempo 3 minutos.

**O Sr. FÁBIO NOGUEIRA:-** Bom-dia a todos e todas.

Agradeço o convite do deputado Marcelino Galo para estar aqui presente. Quero fazer duas observações: primeiro, dizer que sou presidente do PSOL de

Salvador e esclareço que o partido é contra o golpe. O PSOL não está junto com os golpistas. Fechamos posição em defesa do mandato da presidenta Dilma Rousseff porque não há crime de responsabilidade. Nós, do Partido Socialismo e Liberdade, estamos junto com o povo, junto com a classe trabalhadora.

Segundo, quero justificar a ausência do PUC, Polo de Unidade Camponesa, representado pelo Moacir, porque infelizmente ontem a filha dele faleceu e ele não pode estar aqui presente. O PUC é uma das entidades que fazem parte da Frente Povo Sem Medo, junto com a Intersindical, e é representado pelos companheiros Kleber Rosa, Eudes, do Nordeste de Amaralina, que está aqui presente, e outros tantos que vêm se mobilizando em defesa de uma agenda nova para o Brasil. Uma agenda sem política de ajuste fiscal, sem retirada de direitos dos trabalhadores, que faça a reforma agrária e tenha compromisso com a reforma urbana.

Então, é importante dizer que as pessoas que estão nas ruas se mobilizando em defesa da democracia também têm as suas pautas. Existem pautas colocadas, e cabe ao setor da Esquerda democrática tenha compromisso com a reforma urbana e ao governo Dilma se posicionarem claramente em defesa dessas bandeiras.

Infelizmente foi feita a opção pela governabilidade com esse Congresso podre que temos hoje. E isso não vai resolver o problema do povo pobre, isso não vai resolver o problema da reforma agrária. É necessário que os movimentos sociais ocupem os espaços, pressionem a Câmara, pressionem o governo. Esse é o caminho que temos de construir.

Essas mobilizações, hoje, são fundamentais, porque estamos mobilizando em defesa de um patrimônio construído pelo povo brasileiro com muito sangue, com muito suor, que é a democracia.

Não podemos assistir a esse golpe midiático que setores da imprensa, que os grandes meios de comunicação, como a *Rede Globo*, que o judiciário, que se comporta como uma elite que defende a classe burguesa, que os setores da Direita conservadora, atestada por Eduardo Cunha, estão dando no povo brasileiro, na soberania popular. (Palmas)

É por isso que temos que ocupar as ruas, porque a democracia não é uma coisa qualquer para nós. A Esquerda sabe o que é estar debaixo de uma bota, o que é uma ditadura, o que é uma repressão. E a população do campo e das cidades vive isso diariamente, sabe o que é a repressão do Estado burguês. Temos que construir a democracia verdadeira, a democracia popular, a democracia do povo, a democracia socialista.

Esse é o caminho que temos de apontar, e isso se faz com mobilização. E é importante estar nas ruas tanto no dia 15, sexta-feira, quanto no dia 17, com a Frente Povo Sem Medo, a Frente Brasil Popular, unificando lutas, unificando bandeiras e buscando construir uma alternativa democrática e popular para o povo brasileiro.

Eis a saudação da Frente Povo Sem Medo!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao companheiro Fábio Nogueira, presidente do PSOL de Salvador, e dou um viva à unidade das Esquerdas!

Saúdo os alunos do curso de Direito da Faculdade Salvador. Agradeço a presença de vocês.

Antes de ouvirmos o representante do governador, passo a palavra a Mário Soares Neto, que é representante da Consulta Popular. Por até 3 minutos, Mário.

**O Sr. MÁRIO SOARES NETO:-** Bom-dia, companheiros e companheiras.

Cumprimento cada trabalhador e trabalhadora que aqui está; as mulheres negras, os homens negros, a juventude que está presente; e os movimentos sociais, como prioridade. Ao agradecer ao deputado Marcelino Galo pelo convite, afirmo que onde estiverem fazendo a discussão sobre socialismo, a Consulta Popular estará presente.

Quero dizer, companheiros e companheiras, na forma de uma saudação à companheira Guiomar, que começamos a militância em áreas de reforma agrária. No ano de 2006, formulamos a ideia de um grupo – existem militantes aqui desse grupo – que era apenas um núcleo de estudos e práticas em políticas agrárias, que reunia jovens da Universidade Federal da Bahia que foram para as áreas de reforma agrária para fazer a luta.

De lá para cá, de 2006 para cá, não estivemos ausentes em nenhuma marcha dos movimentos sociais. Estivemos presentes fazendo todas as lutas dos movimentos sociais do campo, na perspectiva da construção de uma unidade dos movimentos sociais em torno de um projeto popular, em torno de um projeto da classe trabalhadora.

Ali começamos a pensar, nos idos de 2007, a ideia de construção da Consulta Popular como um mecanismo de mobilização da classe trabalhadora. Construimos um levante popular no Estado da Bahia e escrachamos colaboradores da ditadura militar, como o torturador Delmar Caribé, que vitimou Zequinha e Lamarca, torturando-os com golpes de karatê.

Também escrachamos, em apoio ao companheiro Emiliano José, Átila Brandão, que foi candidato ao governo do Estado da Bahia e é da Igreja Batista. Ele, que foi delator durante a ditadura militar na Faculdade de Direito, abriu um processo contra o companheiro Emiliano José.

Fizemos inúmeras ocupações na AGU com os quilombolas do Quilombo Rio dos Macacos pela regularização das suas terras; mudamos nomes de escolas de Salvador que tinham nomes de torturadores. Por exemplo, a Escola Garrastazu Médici passou a ser Escola Marighella, herói lutador do povo brasileiro. (Palmas)

Nós estamos juntos aos movimentos sociais! (Palmas)

Acreditamos, Zé Rainha, porque é uma grande liderança. Por isso, tem que juntar todos os movimentos sociais, seja o MST de Zé Rainha ou de João Pedro Stédile ou de todos os trabalhadores numa grande unidade.

Não devemos nos pegar em contradições externas. Devemos ter unidade para conseguir vencer o cerco que o imperialismo nos impõe. Parece-me que esta foi uma palavra fundamental, deputado Marcelino Galo, que Zé Rainha nos trouxe de lição nesta verdadeira aula que nos deu.

Estamos vivendo a crise do imperialismo. Até à década de 1970, era proibido falar o termo imperialismo até nos Estados Unidos. O Brasil tem uma economia absolutamente dependente do imperialismo. O que está em jogo, agora, é a saga do imperialismo, de recuperar a hegemonia na América Latina e nos impor golpes de novo tipo.

Temos que resistir a este cerco imperialista, como afirmou o comandante Fidel Castro: “Não venha Obama a Cuba para nos dar migalhas, porque não precisamos das migalhas dos imperialistas.”

Precisamos garantir a soberania nacional e esta soberania nacional vem quando articularmos as pautas democráticas com a luta socialista. É obvio que somos contra o golpe! É obvio que precisamos derrotar este *impeachment*! Mas temos que ter uma ferramenta de mobilização de massas. Nós, do campo da consulta popular, acreditamos que esta ferramenta é a convocação imediata de uma assembleia constituinte para mudar o sistema político!

Vocês devem me perguntar: “E o socialismo, companheiro?” Precisamos ter várias táticas para alcançar o socialismo. Mas se não mudarmos o sistema político no Brasil, certamente, esta burguesia imperialista ligada à burguesia interna do Brasil nos colocará uma grande derrota!

Quero fazer uma homenagem a este grande lutador do povo na América Latina, Hugo Chávez Frias, que soube, no momento da crise revolucionária, domar o golpe, reverter o processo da luta, avançar na radicalização e avançar na luta socialista.

Viva os trabalhadores e as trabalhadoras! (Palmas)

Viva a Carlos Marighella! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao companheiro.

Deputado Bira Corôa, se V.Ex<sup>a</sup> quiser fazer uso da palavra, por favor. Com a palavra o deputado Bira Corôa pelo tempo de 3 minutos.

**O Sr. BIRA CORÔA:-** Bom-dia a todos e a todas.

Quero saudar, inicialmente, o deputado Marcelino Galo por este evento

histórico e importante que fica registrado nas páginas e Anais desta Casa. Ao mesmo tempo, esta sessão especial traz companheiros e companheiras que representam as lutas das sociedades brasileira e baiana para o contexto do dia a dia desta Casa. Quero saudar todos os movimentos em nome de Zé Rainha. Quero saudar todos os presentes nesta Mesa em nome do secretário Jerônimo.

Mas, especialmente, quero me dirigir a este momento que estamos vivendo. Todas as falas, que pude acompanhar, apontam para uma posição importante que é a posição da sociedade brasileira contra o golpe.

Mas o importante deste contexto é fazer reflexões. Este momento em que estamos vivendo é, também, uma produção nossa. Temos que fazer esta reflexão e esta discussão e admitirmos este processo. Temos que rever a prática utilizada em nome da governabilidade, que é o câncer crescente que depõe contra a organização popular e contra os avanços sociais.

Temos testemunhado isso em todos os momentos. O momento presente da revoada dos chamados partidos da base aliada reflete isso e reflete o que a história tem-nos demonstrado a vida inteira.

E, ainda, temos insistido em não potencializar, cada vez mais, os movimentos populares.

O nosso governo erra e errou quando se distanciou dos movimentos populares, quando foi buscar o caminho, talvez, mais fácil da negociação, da discussão e da parceria com aqueles que, historicamente, sempre nos exploraram. E o reflexo e a ação estão aí. Havia uma tática antiga que os nossos povos antigos já diziam: Alia-se aos inimigos para derrotá-los. E eles aliaram-se a nós com esse objetivo. Não tenho dúvida de que com o chamado da sociedade civil, com o clamor e com a movimentação e o posicionamento que a nossa sociedade tem tido nós vamos vencer mais esse golpe. Nós não iremos permitir a concretização do golpe, mas precisamos chamar imediatamente para um reflexão, precisamos mudar a metodologia, a didática e a tática e precisamos implementar ações políticas que de fato possam credenciar o desenvolvimento e o crescimento da política democrática e, acima de tudo, da afirmação da democracia, a construção do socialismo e o fortalecimento dos setores sociais organizados.

Parabéns, Marcelino, por este evento, obrigado a todas as companheiras e companheiros que dedicam a sua vida em prol de uma sociedade mais justa, mais igualitária. Aproveito, Marcelino, para fazer uma propaganda extra. Não tinha conhecimento desta sessão especial do companheiro Marcelino, mas nós também estamos puxando um ato para segunda-feira, que tem como meta rediscutir o massacre de Carajás, como estamos discutindo hoje, porque ele não se deu há 20 anos, ele se estende nos dias de hoje, como estamos vivenciando com a criminalização do companheiro Babau e de mais 36 lideranças indígenas do Extremo Sul da Bahia e mais 78 lideranças indígenas de todo o Estado da Bahia. Assim também estamos enfrentando com a criminalização de centenas de companheiros e companheiras assentadas dos movimentos rurais, dos movimentos do campo e também dos

companheiros dos movimentos urbanos da luta sindical. Por isso é que esse ato é um dos mais importantes travados e discutidos nesta Casa.

Na segunda-feira, às nove horas da manhã, neste mesmo Plenário, estaremos também puxando um ato com igual teor para reafirmar e somar com Marcelino nessa luta que não é de Marcelino, como não é de Bira, não é das pessoas que estão nessa Mesa, essa luta, essa luta tem que ser incorporada como uma luta da sociedade brasileira. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, deputado Bira Corôa.

Antes de ouvir a palavra do representante do governador, a professora Guiomar pediu para fazer aqui... Eu não sei o que ela vai fazer mesmo, mas deve ser alguma coisa boa.

A Sr<sup>a</sup> Guiomar:- A emoção fez com que eu me esquecesse. Tinha também, de uma forma simbólica, três camisas para a gente distribuir para vocês. Então, de forma simbólica, o Projeto GeografAR vai dar uma camisa para o companheiro José Rainha, para o Marcelino e para o Jerônimo.

E que cada um na sua trincheira continue levantando as mesmas bandeiras.

É isso.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço o presente da professora, a sua vida já é um presente para o povo baiano, mas traz mais uma surpresa para a gente. Muito obrigado.

A camisa branca está embalada numa fita vermelha, e a gente quer a paz, mas vai ter luta.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora, vamos ouvir o último orador desta sessão, representando aqui o governador do Estado, o secretário do Desenvolvimento Rural do Estado da Bahia Jerônimo Rodrigues.

**O Sr. JERÔNIMO RODRIGUES:-** Bom-dia a todos e todas.

Não é à toa que ficamos por último. No caso de representação do governador, autoridade máxima, é também a simbologia de o Estado ter de ouvir os movimentos, ter de ouvir as universidades, entendendo os lugares de cada um.

É com satisfação enorme que trazemos o abraço do governador Rui Costa, trazer o abraço de todos os representantes que aqui estão do governo do Estado, parabenizar, Marcelino Galo, o senhor e toda a sua assessoria. Gostaria de uma salva de palmas para o mandato todo, o reconhecimento do significado e a importância de termos mandato com essa natureza. (Palmas) Se não elegermos deputados e deputadas que tenham essa afinidade, teremos muita dificuldade de que temas importantes como esses possam penetrar na mídia e em Casas Legislativas como esta.

Em seu nome, quero saudar os companheiros e companheiras desta Casa. Aqui temos Bira Corôa, Fátima Nunes, Joseildo Ramos e todos os outros que, porventura, não puderam estar aqui. De igual maneira, quero saudar todos os movimentos sociais à Mesa, em nome da liderança do Zé Rainha, reconhecer a importância e o significado, da mesma forma, dos movimentos sociais. Entendemos com essa fala, Zé Rainha, que nos encantamos, parece que a palavra é essa, nos encantamos com o governo, com o Estado, e demos um valor, um peso muito grande a estar no governo.

Toda hora em que acontece um momento como este, qualquer risco que tenhamos de perder o governo, dá uma sensação de derrota. É ruim isso. Fica parecendo que jogamos por água abaixo toda a nossa construção.

Perder o Estado não vai acontecer, até porque temos os dois melhores articuladores do País neste momento dirigindo o processo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro Jaques Wagner. Não temos no País, neste momento, respeitando todas as lideranças políticas deste País, duas figuras que nos representam tão bem. Se o papel deles está sendo feito lá, aqui cabe a nós manter a vigília, ir para as ruas, vestir a camisa vermelha e não se calar até domingo, às 14 horas. Este é o nosso papel.

Não dá para baixar a cabeça e imaginar que teremos uma derrota nesse *impeachment*. Não seremos derrotados. Temos a plena certeza, não seremos. (Palmas)

Saudando todos os movimentos, quero estender às pessoas de governo, em nome de Ciro, de todas as pessoas que aqui estão e dos meus colegas de Estado.

Deixei por último para aproveitar a oportunidade, Marcelino Galo, muito acertada a forma com que foi conduzida esta sessão. É uma pena que tenhamos poucos deputados, mas temos uma representatividade da sociedade muito forte, de partidos políticos, da universidade. Um recorte para, em nome da professora Guiomar, saudar as universidades aqui presentes. Temos a UFRB, companheiros da UNEB, da importância de juntar movimentos sociais, Estados comprometidos e a universidade. Há uma lacuna muito grande, professora, e a senhora bem sabe disso. Temos de fazer uma relação de irmão siamês, ou irmã siamesa, no sentido entre o conhecimento teórico e o conhecimento da vida, da lida de cada um, de cada uma.

Queria encerrar minhas palavras deixando pelos menos... hoje não é dia de ficarmos levantando possibilidades de políticas públicas, mas se existem alguns mitos em torno da reforma agrária, alguns devem ser derrubados. Um deles é o tema de que a reforma agrária é eminentemente rural, é mito isso.

A reforma agrária tem uma afinidade muito forte com o rural e o urbano. Nós que inventamos isso de separar quem é da roça e quem é da cidade. A classe trabalhadora é uma só, o Estado tem que servir aos dois da mesma forma. É um mito isso. Quem bota comida na mesa todas as manhãs..., a gente não tem a dimensão do que o capital faz com a gente. Fica parecendo que a alface, o ovo e o leite que vêm às nossas mesas, que tem uma rocinha dentro do supermercado que produz tudo, e que não há esforço, não há mão calejada, que não há sol na cabeça, que não há risco de

cobra (Palmas), porque o capital compra tudo.

Então, Zé, vai-se ao supermercado, bota-se o dinheiro em cima do caixa e paga-se a conta sem se preocupar de onde vem o alimento que chega a nossa mesa, quem o produz e que nos dá segurança alimentar... E a produção agroecológica é o que pregamos dentro dos assentamentos de reforma agrária, que é a responsabilidade com o que se produz, com o meio ambiente, com quem consome. É um mito falacioso. E não podemos cair nesse mito e dizer que a reforma agrária é dos movimentos do campo, embora seja muito forte.

Um segundo mito, não vou demorar, não, Marcelino, mas é importante dizer aqui. Nós esvaziamos ou talvez nunca estivemos tão fortes em relação ao peso e a importância da educação no campo. Para que possamos ter tecnologia, a consciência fortalecida, ter a nobreza de que as pessoas possam ter o mesmo direito de sentar em um banco de escola, em um banco de universidade, em um banco dos órgãos que produzem pesquisa e que possam produzir a pesquisa direcionada a quem precisa. É um mito. E nós precisamos arrebentar as portas, se for o caso, das universidades que estão fechadas, dos cursos que estão fechados. E abrir da forma como o GeografAR faz, e que a UFRB vem fazendo, abrir as portas para os que mais precisam.

Um terceiro e último mito é o que eu diria que o tema da reforma agrária é visto como um tema de pobreza, um tema de favor. Temos que desobstruir essa pauta. Essa é uma pauta que entendemos muito claramente que reforma agrária está relacionada à democracia. É um tema de liberdade, mas é um tema de conflito. Debater reforma agrária significa debater interesses de classe. Zé Rainha já tratou disso aqui e falou muito bem. Portanto o Estado da Bahia, tenham a plena certeza que o que estamos fazendo é o esforço sobre-humano. Já falou aqui a deputada Fátima Nunes, para a gente garantir uma governabilidade em torno de temas como este, nós é muito caro. Nós sabemos que temos um governo de coalizão. Nós todos queremos agora levar uma vitória no impeachment, mas por enquanto não estão botando um peso na conta, que temos neste momento pessoas do agronegócio que a gente quer que vote contra o impeachment. Esta conta vai ser cara. Mas queremos pagá-la de outra forma.

Depois de domingo, temos que ir para as ruas para dizer o que queremos desenhar, não como marco zero. Eu entendo, deputado Marcelino, que nós não vamos voltar ao marco zero. Dê o que der lá. Já caminhamos muito. Comemorar uma data como esta que junta os 20 anos de Eldorado, o Dia da Reforma Agrária, a Semana do Índio, que é na semana que vem, para celebrar a história nossa, a resistência nossa. É para que a gente não esqueça que o que houve em Carajás nós temos que tirar da história nossa, não o que aconteceu, mas porque não queremos rescrevê-la da mesma forma.

E o que nós estamos vendo neste momento no Brasil é que no golpe de 64 muitos de nós não tínhamos a idade suficiente para entender nem os meios de tecnologia para entendermos o que estava acontecendo, nem movimentos tão fortes. Por isso ficamos fora da história em 64. E os livros contam a versão deles, dos

brancos, dos homens coronéis. Agora, não! Em 2016, nós estamos fazendo a história. E temos que escrever essa história conforme a nossa vida, a nossa crença e o nosso amor pelo Brasil.

Um abraço do governador Rui Costa e parabéns, Marcelino! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao secretário Jerônimo que neste ato representa o governador Rui Costa.

Quero registrar a presença do prefeito de Jitaúna, nosso companheiro Edson, que está na primeira fila. Registro a presença do deputado Euclides Fernandes, que é do PSL.

Antes de encerrar, neste momento, ouviremos o Hino da Bahia.

(Execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia agradeço a presença das autoridades civis, de todos os movimentos populares, movimentos de luta pela terra, dos Srs. Deputados e da imprensa. Viva a unidade das esquerdas! Viva a unidade dos movimentos populares! Viva a democracia neste País! Vamos encerrar a sessão dizendo: não vai ter golpe!

(O Plenário Grita: Não vai ter golpe! Não vai ter golpe!)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado a todos vocês e até o próximo ano. Parabéns pelos 20 anos de GeografAR! Eldorado dos Carajás Nunca mais! Viva a reforma agrária!

*Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais*

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.*